



Recomeço: um novo normal?

*“Você pergunta como o sentimento de amar poderia sobrevir. Ela lhe responde: Talvez de uma falha súbita na lógica do universo. Ela diz: Por exemplo de um erro. Ela diz: Jamais de um querer. Você pergunta: O sentimento de amar poderia sobrevir de outras coisas ainda? Você lhe suplica dizer. Ela diz: De tudo, de um voo de pássaro, da noite, de um sono, de um sonho no sono, da proximidade da morte, de uma palavra, de um crime, de si, de si mesmo, súbito sem se saber como”. (Marguerite Duras, em A doença da morte.)*

Nunca na história da humanidade a fragilidade de nossas relações ficou tão reveladoramente exposta. Sem termos nem mesmo para onde fugir. Sejam as relações com a Natureza, com o semelhante ou conosco mesmo, sejam elas quais forem, a estreita relação de interdependência entre tudo e todos ficou exposta, com os nervos à flor da pele. A atitude que adotamos com o meio ambiente incide sobre nossa vida no planeta; o cuidado com o outro depende do cuidado comigo mesmo e vice-versa.

O isolamento social determinado pelo combate à pandemia revelou flagrantemente para cada um de nós como nosso equilíbrio emocional se constitui e em que ele se apoia. A ausência de pequenos acontecimentos cotidianos da rua que nos fazem diferenciar um dia do outro, o impedimento de pequenos hábitos e, principalmente, a impossibilidade do encontro com os amigos, exigiu de cada um de nós esforços enormes para não descompensarmos e rompermos com nosso equilíbrio.

E depois de conhecer esta estreita dependência, depois de exposta a fragilidade de nossas relações, como prosseguir? Voltar para onde, se a consciência que agora tenho toca e transforma tudo o que toca?

E como será o recomeço? Recomeça de onde? De onde paramos?

Incrementaremos bunkers cada vez mais inexpugnáveis, pondo-nos a salvo de tudo e todos? Ou tomamos o caminho da coletividade, da solidariedade daqueles que aprenderam a aprender com a experiência e, diante da ameaça iminente, “ninguém larga a mão de ninguém”?

João pensava em sua velhice. Dentro de seus limites de possibilidades, pensava em como gostaria de vivê-la. Lembra de algum lugar no passado para onde talvez pudesse voltar, afinal fora feliz lá. Eu o acompanho enquanto ele faz suas contas. Subitamente João enquadra seu rosto na tela do seu computador e diz com uma firmeza desolada: “eu não tenho para onde voltar!”



A editora da revista de minha sociedade acabara de me convidar para escrever este artigo e eu o vi pronto na constatação desolada de João. A reflexão de João fez saltar diante de mim a afirmação “nós não temos para onde voltar”, uma boa tradução para o “novo normal”. Talvez seja a radical impossibilidade de voltar atrás no tempo que estejamos expressando através deste eufemismo, o “novo normal”.

Algo em cada um de nós se transformou de maneira definitiva, sem que o possamos saber inteiramente; algo na realidade que nos cerca se transformou de maneira definitiva, sem que o possamos saber inteiramente, ainda temos que esperar e não há para onde voltar.

Ao mesmo tempo, temos, ou melhor, teríamos muito, muitíssimo a aprender com a experiência da pandemia. O tempo do verbo implica que não sou dos mais otimistas com os homens. Nós não temos falhado ao longo da história em nossa capacidade de destruição de tudo o que nos cerca, logo a nós mesmos. A razão, nossa melhor esperança, não tem alcançado a criatividade implicada no desejo de destruir.

Minimamente a urgência da solidariedade, do pensar coletivamente, teria que estar presente nas ações de todos nós. No entanto, a ciência, a despeito da extraordinária demonstração de sua capacidade de trabalho conjunto, permanece sendo negada por líderes contemporâneos e sendo utilizada para justificar pífias ideologias.

E aí aparece, como diria Marguerite Duras, a *falha súbita na lógica do universo*, aquela que nos leva a sair dos nossos casulos e faz sobreviver o amor.

O artigo já estava encaminhado quando um novo acontecimento se abre e transforma o que eu vinha pensando. Nele, o amor se reintroduz e com ele, esperança.

Reproduzo o acontecimento.

Estávamos todos reunidos à mesa e cantávamos com alegria. Minha filha, em uma introdução ao que queria cantar, diz que sempre pensou em cantar aquela música para mim. A música se chama Caminho das Águas, composta Rodrigo Maranhão. E ela o faz lindamente, emocionadamente.

De volta ao Rio, eu lhe escrevo dizendo: “filha, acho que nunca alguém cantou para mim como vc cantou ontem. Inesquecível. Muito obrigado. Bjs,”

Minha filha responde: “Pai, cantei com a alegria de ter a certeza que sempre terei para onde voltar. Obrigado por tanto.”

Tomado pela emoção, entendo que ela me dizia há para onde voltar, contrariando a lógica do artigo que eu vinha escrevendo.



Voltei para meu artigo. Para onde este “onde voltar” volta?

Volta como questão de princípio, como afirmação de um valor fundamental sem o quê a vida humana perde o sentido. No livro de onde retiro a epígrafe, Marguerite Duras chama a esta perda de sentido da vida de “A doença da morte”.

Princípio não é apenas sinônimo de começo. Princípio descreve o que vigora no começo, no meio e no fim das nossas ações. Reconhecemos os princípios principalmente no fim, no vigor com que se mantiveram ao longo do processo. E é para lá que retornamos nos recomeços.

Através de reconhecimento desta falha súbita na lógica do meu artigo, senti a esperança renascer em mim. E cantei:

“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar,  
Vamos dar a meia volta,  
Volta e meia vamos dar.  
O anel que tu me deste era vidro e se quebrou,  
O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.  
Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar....”

Acho que nunca tinha cantado esta ciranda assim. Reconheço que não prestei jamais atenção ao fato de que o anel fosse de vidro e o amor pudesse acabar, e principalmente, esta fosse a razão de ser da ciranda, esta dança de refazer e de recomeçar constantemente o sentido da vida.

Meninos, escutávamos encantados as estórias de um salva vidas do Leblon. Seu apelido: Nei-mentira. Em uma de suas estórias, a minha favorita, ele dizia ter em casa um gato que não gostava de café e que ele punha café com leite em um pires e o gato só bebia o leite, deixando o café no pires.

Então no re-começo, sabendo que o anel era de vidro e que o amor acaba, vamos todos brincar de roda, vamos dançar ciranda. Enquanto arrastamos vagarosamente os pés, todos de mãos dadas, algo de fundamental se restaura: o sentido da coletividade. Na ciranda não há lugar para “individualidades”. “Vamos todos cirandar...” Tudo muito simples, o passo marcado, a música marcada, um contendo o ímpeto do outro; um puxando o outro para dentro da roda, um lembrando sempre ao outro da existência do semelhante. O prazer maior da dança é o de pertencer à roda.

Uma vez, em 1976, aluguei uma casa em Itamaracá para passar as férias. À noite, íamos ao Bar Sargaço dançar ciranda. Foi lá que conheci e aprendi a



cirandar com a Lia de Itamaracá. Eram rodas enormes no chão de terra batida, que com o arrastar dos pés faziam levantar uma nuvem de poeira. Ali, os valores das individualidades eram postos de lado, no máximo, uma “volta e meia vamos dar”, e roda rodava na direção contrária.

E se eu quisesse voltar lá, o que encontraria? Todos teriam ido embora, o lugar não seria mais o mesmo, nem eu próprio o mesmo. Sim, se procurasse reencontrar Itamaracá daquele tempo, encontraria o vazio. No entanto, e aí novamente podemos ser surpreendidos pela *falha súbita na lógica do universo*, encontramos um vazio que nos preenche e conforta por ter suas bordas delimitadas por uma experiência boa. Um vazio emoldurado por uma experiência boa que me permite vivê-lo sem desespero. E ali reencontro a ciranda e recomeço.

Como diz Marguerite Duras, o amor sobrevém, talvez, “de uma falha súbita na lógica do universo”. Não vem “Jamais de um querer”.

A ironia da escritora francesa serve para dizer da presença da prevalência do desejo de não sofrer, de eliminar a possibilidade da dor e do sofrimento, a lógica que parece presidir este universo a que Duras se remete.

No recomeço, eu quero estar nesta *falha súbita na lógica do universo*, ali onde o medo e a ganância cedam lugar para a solidariedade.

No recomeço, eu quero dançar ciranda.

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2020.  
Miguel Calmon du Pin e Almeida.